

A REPÚBLICA CONTADA A CADA SEMANA

A consolidação do sistema republicano nas crônicas de machadianas (1892)¹

Daniela Magalhães da Silveira²

Maria Luzia Alves Brito³

Resumo

O presente artigo apresenta uma análise do primeiro ano da série de crônicas “A Semana”, publicada por Machado de Assis, no jornal *Gazeta de Notícias* entre abril de 1892 e fevereiro de 1897. A série trata dos principais acontecimentos do início do período republicano brasileiro e diz muito sobre as aspirações do literato acerca do modelo de República que se desejava e quais os empecilhos para alcançar esse projeto. Neste trabalho, pretendo analisar quais as principais características desse modelo e como era visto o novo regime pelo narrador, além de compreender como pretendia intervir na sociedade oitocentista, partindo da série, e quais os diálogos que a série estabelece com outros textos da época, especialmente com o próprio jornal.

Palavras-chave: literatura, crônica, república.

Abstract: This paper presents an analysis of the first year of the series of chronicles "A Semana", published by Machado de Assis, in the diary *Gazeta de Notícias* between April 1892 and February 1892. The series covers the main events of the early Brazilian republican period and speaks much about the aspirations of the writer about the Republican model that was desired and what obstacles to achieve this project. In this work, I analyze what the main characteristics of this model and how the new regime was seen by the narrator, and understand how it intended to intervene in nineteenth-century society, starting from the series, and which dialogues that the series establish with other texts of the time, especially with the diary itself.

Keywords: literature, chronicles, republican.

¹ Trabalho realizado no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia sob o financiamento do Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação Científica/Fapemig/UFU, no projeto de pesquisa “Diálogos Impressos: a construção da literatura e do cinema na imprensa brasileira (1870 – 1930), sob orientação da professora Dra. Daniela Magalhães da Silveira.

² Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Rua Lázara Alves Ferreira, 360, apartamento 301, Jardim Finotti, Uberlândia/MG. CEP: 38.408-096. Email: danielasilveira@hotmail.com

³ Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Rua Alfredo Tormim, 69, apartamento 101, Jardim Finotti, Uberlândia/MG. CEP: 38.408-096. Email: malualvesbr@outlook.com

INTRODUÇÃO

No Brasil do século XIX, literatura e imprensa possuíam uma relação completamente diferente da que vemos hoje. Muitas das maiores obras literárias nacionais desse momento foram inicialmente publicadas em jornais sob o formato de folhetins ou séries. Enquanto o país vivia os primeiros anos do seu período republicano, literatos e jornalistas dedicavam-se a construir posições bastante contundentes sobre cidadania, política, cultura e economia. Posições que evidenciaram as tentativas de intervenção desses intelectuais na realidade republicana brasileira (PEREIRA, apud GRINBERG; SALES, 2009). Os anseios, as críticas e as opiniões dos grandes nomes da mídia escrita estão amplamente expressos nos jornais oitocentistas de grande circulação.

Neste artigo pretendo compreender, por meio da leitura do jornal carioca *Gazeta de Notícias*⁴, como um dos mais reconhecidos literatos brasileiros, Machado de Assis, construiu críticas e levantou posicionamentos, com a finalidade de intervir na sociedade brasileira e na formação da própria identidade nacional do cidadão brasileiro oitocentista, e especialmente do cidadão carioca, a partir do início do período republicano, tomando como objeto as publicações iniciais da série de crônicas "A Semana" que datam da última década do século XIX.⁵

MATERIAL E MÉTODOS

A Crônica no jornal

Na segunda metade do século XIX e início do XX, as crônicas tornaram-se publicações corriqueiras nos periódicos de todo o país. Na *Gazeta de Notícias*, como em tantos outros jornais daquele período, as crônicas apareciam como uma reescrita das notícias mais diversas que permearam as últimas publicações do periódico. Os assuntos das crônicas são, portanto, referências às colunas de notícias e tem como ponto favorável o fato de

⁴ A *Gazeta de Notícias* foi um dos maiores periódicos cariocas do século XIX, tendo sido publicada a partir de 1875. Seu sucesso foi motivado por uma nova fórmula de vender jornais: os periódicos, além das assinaturas, contavam com vendedores nas ruas do Rio de Janeiro, tal fórmula, somada à associação entre notícias e literatura, resultou na alta tiragem que chegou a quarenta mil exemplares diários e fez com que a *Gazeta* conseguisse se tornar o jornal mais barato do Rio de Janeiro.

⁵ A Série de crônica "A Semana" foi publicada no jornal *Gazeta de Notícias* a partir de 24 de abril de 1892. Ocupava a primeira e a segunda coluna da primeira página do periódico a cada domingo e seus temas eram os assuntos que haviam obtido destaque ao longo dos últimos sete dias. John Gledson destaca, no capítulo sete do livro *Por um novo Machado de Assis* (GLEDSON, John. "A semana" 1892-3: Uma introdução aos primeiros dois anos da série. In: GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006), que, apesar de a série não ser assinada, era de conhecimento geral que a autoria pertencia a Machado de Assis.

promoverem aos leitores a oportunidade de compreender as notícias mais complexas de forma mais leve e acessível (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005). Não é de se estranhar que a *Gazeta de Notícias*, jornal barato e de grande circulação, tivesse várias crônicas distribuídas em cada número, já que essas possibilitavam a um vasto público uma compreensão mais fácil e divertida de todos os principais assuntos tratados ao longo do periódico.

Marialva Barbosa aponta a *Gazeta de Notícias* como um jornal que poderia ser caracterizado como literário (BARBOSA, 2000). Ao estudar o periódico, encontramos em todas as suas edições um número bastante grande de colunas com teor ficcional e entre essas o gênero crônica aparece exaustivamente ao lado, é claro, de outros como o romance, que via de regra aparecia publicado sob o formato de folhetim. A respeito desse dado é possível analisar as relações entre a crônica e os demais gêneros literários. Sabendo da relação estreita que a literatura do século XIX teve com a imprensa e levando em consideração que muitas das grandes obras literárias desse período foram inicialmente publicadas em periódicos e posteriormente ganharam o suporte de livro, fica o questionamento sobre a resistência de alguns literatos de preparar uma obra definitiva também para suas crônicas (SILVEIRA, 2010).

Machado de Assis publicou apenas seis de suas crônicas na coletânea de contos *Páginas Recolhidas*. Desse modo, praticamente todo o trabalho de recolher e publicar suas crônicas coube a terceiros, posteriormente à sua morte, como Mário de Alencar e Aurélio Buarque de Holanda. É possível considerar que essa opção de Machado de Assis de não publicar as crônicas em coletâneas seja uma evidência do modo como esses literatos viam a crônica, uma vez que, diferente do romance, esse gênero se dedicava a assuntos do cotidiano, falava de temas corriqueiros e transitava entre a literatura e o jornalismo. Porém, como Margarida de Souza Neves, Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de Miranda Pereira defendem, esse gênero literário não se define apenas pela leveza dos assuntos, mas também pela elaboração cuidadosa que os autores dedicavam a ele (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA; 2005). Dessa forma, é possível considerar que a publicação dessas crônicas em coletâneas, mesmo que póstumas e feitas por outros literatos, evidenciam a importância do gênero não só enquanto gênero literário elaborado e reconhecido pelos pares, mas também como documento histórico, como propuseram esses historiadores. A crônica depõe sobre o seu tempo justamente por se dedicar aos assuntos cotidianos, e é por isso mesmo que ela se torna, para os historiadores, um documento carregado de significados profundos e que precisa ser historicizado.

Além disso, Sidney Chalhoub estabelece como uma das características centrais da crônica o fato de se tratar de um:

(...) gênero imerso na indeterminação de sua época, na incerteza da história vivida. Ela [a crônica] depende da interlocução imediata com outros textos, discursos, gestos. Nutre-se dos fatos do momento e busca interferir em seu curso. (CHALHOUB, 2009, p. 235)

Ao considerar a crônica como um gênero literário tão bem datado, que tem por tema o cotidiano, e que depende, como apontou Chalhoub, da interlocução com outros textos, considero fundamental analisar o lugar inicial da publicação da série, a *Gazeta de Notícias*, como um texto com o qual a crônica dialoga e que, portanto, precisa ser bem conhecido. Esse jornal era constituído geralmente por seis páginas, tendo em algumas publicações o alcance de oito e em outras o número de seis ou até quatro páginas e, cada uma delas era sempre dividida em oito colunas. De forma geral, as duas últimas eram dedicadas exclusivamente à publicidade e tratavam de anúncios como as loterias, peças de teatro, leilões, aluguel, compra e venda de produtos diversos. Os anúncios de remédios e profissionais da saúde eram bastante comuns e escritos de forma ficcional. Muitos desses anúncios contam, por exemplo, a história de algum parente ou do próprio narrador do anúncio, referente a alguma doença e à cura milagrosa que o profissional ou o remédio lhe causaram.

Além da crônica da série “A Semana”, publicada somente aos domingos, o jornal contava ainda com várias outras colunas de caráter literário. Alguns exemplos são as diversas outras crônicas publicadas no periódico – “Cousas do dia”, “Chronica do dia”, etc – e os folhetins que se encontravam no rodapé da segunda e/ou terceira página do jornal. Além disso, o caráter literário do jornal tem a somar para si o fato de que muitas dentre as reportagens de cunho jornalístico foram escritas recorrendo a recursos ficcionais. O maior exemplo é a coluna “Casos Policiais e Accidentes” que tem notícias de crimes, mas apresenta um caráter extremamente literário em sua escrita.

Para o historiador, a crônica tem uma utilidade muito maior do que o divertimento diário que tinha para os leitores do período. Ela é um gênero carregado de subjetividades do seu próprio tempo e, por ser produzida no calor do cotidiano, deixa transparecer ali vestígios das intenções dos autores. A escrita que oferece a ideia de ser uma conversa banal, na verdade, é a própria intervenção dos literatos frente aquilo que lhes incomodava em seu tempo.

A série “A Semana”, desde a sua primeira publicação, contém as temáticas que permearam o jornal durante os últimos sete dias. Seus assuntos são, portanto, os mais

variados. Dentro de uma mesma crônica, havia comentários sobre diversos temas. Porém, as crônicas do primeiro ano possuem uma organização que abriga algumas semelhanças. Geralmente tratam de cerca de três assuntos principais e tem, ao início, um comentário mais geral e, ao final, uma conclusão também bastante abrangente. Publicada sempre aos domingos, a série é apresentada por um narrador que esteve, ao longo da semana anterior, em contato com as publicações mais importantes da *Gazeta* como também de outros periódicos reconhecidos do Rio de Janeiro do século XIX e até de outros estados.

Apesar de os assuntos apresentados demonstrarem, numa primeira observação, um caráter geral e abrangente, é possível perceber, ao longo do primeiro ano, certa ligação entre os assuntos, ligação esta que tem diálogo evidente com a *Gazeta*, mas que oferece uma possível interpretação da série. De abril a dezembro de 1892, Machado de Assis publicou trinta e seis crônicas na série. A série apresenta continuidades como respostas a questões ou cartas enviadas para o jornal a respeito de crônicas anteriores, comentários do narrador sobre relatos pessoais em crônicas anteriores e continuidades nas temáticas. As principais nesse ano são o federalismo, tratado principalmente em relação com as revoltas separatistas no Rio Grande do Sul e no Mato Grosso ou com as divergências entre representantes estaduais e federais, os heróis do sistema republicano, a participação nas eleições, os problemas financeiros e as notícias sobre acontecimentos ligados ao progresso, em especial, os bondes elétricos. Todos esses temas poderiam ser resumidos em um tema maior e mais amplo: a consolidação da República. E é a fim de melhor compreender esse tema mais amplo que a seguir trato de dois dos temas acima citados: as eleições e os heróis republicanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

“A Semana”

- O fundador da República

A série “A Semana” tem seu início, não por acaso, no dia 24 de abril de 1892. Considerando que o tema central da série seja a República e que as crônicas só eram publicadas aos domingos, nada mais natural do que a primeira crônica ser publicada no domingo posterior ao aniversário da execução de Tiradentes, visto que a figura do mártir aparece na *Gazeta* como um verdadeiro ícone republicano a ser celebrado e admirado e no dia 21 daquele ano a morte do mesmo completava seu primeiro centenário. O tema aparece no periódico, durante a semana anterior, com um tom de celebração que irá se repetir ao longo do primeiro ano de publicação da série. Enquanto isso, em sua primeira crônica, o narrador da série avaliava a importância do mártir frente aos demais inconfidentes, considerando que o

mesmo só se tornou o símbolo da Inconfidência Mineira por ter sido decapitado e que o foi no lugar dos outros que tinham melhor condição financeira. Para reforçar a ideia de como àquela época os títulos eram importantes, o narrador utiliza-se de mais dois exemplos: o primeiro deles foi o caso de dois amigos que se tratavam sempre pelos títulos de comendador e major, enquanto o segundo exemplo foi o de um rapaz que adiava o casamento, usando a justificativa de que apenas se casaria depois que conseguisse o título de doutor. A ironia do narrador consiste, nessa crônica, em evidenciar uma sociedade pautada em títulos, entre os quais um homem já prometido para uma mulher faria um casamento mais feliz caso se casasse doutor, ou o fato dos amigos, mesmo íntimos, tratarem-se por títulos e ainda mais, o fato de o narrador acreditar que Tiradentes precisava ser tratado por outro título – o de cirurgião – para ser reconhecido. O assunto inicial, Tiradentes, havia sido comentado pelo jornal durante a semana, especialmente no número do dia 21 de abril, no qual, logo na primeira página, são encontradas duas colunas sobre a mesma questão: “Tiradentes”, na primeira coluna, e “A Revolução-Tiradentes”, na sexta coluna, que trata de um poema de Fontoura Xavier. Além disso, há também, na primeira coluna, um aviso de festa comemorativa que seria realizada pelo Clube Tiradentes.

Na primeira coluna sobre o tema, havia uma grande valorização da figura de Tiradentes. O autor – a coluna não aparece assinada – defende que Tiradentes era um grande herói para o Brasil e adverte ainda que o inconfidente seria a representação não somente da república, como também do federalismo:

(...) O poder que sacrificou Tiradentes, deu-nos a união com que o mártir nunca sonhara; mas foi Tiradentes que nos deu a república. Foi em nome de Tiradentes que bateram-se (sic) sempre os republicanos; era sua memória que entusiasmava a mocidade, foi a ideia federalista aplicada em moldes grandiosos, que fortificou os fracos e derruiu o velho regime. Por este lado, ele é herói brasileiro, verdadeiramente nacional, e, comemorando-o hoje, no primeiro centenário de sua execução, pagamos uma dívida sagrada (GAZETA DE NOTÍCIAS, 21 abr 1892, p.1).

O discurso profundo e carregado de significados tem um objetivo que o autor da coluna deixa transparecer logo de início: demonstrar que Tiradentes é um grande herói nacional, ao contrário do que diziam os muitos que tentavam ridicularizá-lo:

(...) No processo do ilustre mártir são numerosas as expressões de desdém que para com ele empregam seus companheiros. Doido, espantado, chama-o um; assegura outro só lhe haver falado em tom irônico; outros gabavam-se de nunca tê-lo admitido em casa. (Idem)

Quando Machado de Assis dedica uma crônica, no dia 24 de abril, para falar de Tiradentes e propõe trocar o nome⁶ pelo qual o mártir é reconhecido, podemos considerar que ele estava em diálogo aberto com a coluna publicada no dia 21 do mesmo mês, pois o narrador da crônica também levanta a questão que muitos têm desconsiderado os méritos de Tiradentes. A diferença entre a opinião expressa na crônica e aquela da reportagem é, porém, gritante. Na crônica fala-se em alterar o título de Tiradentes para algum que tenha maior *status*, ou seja, o problema da falta de consideração pelo herói nacional está no título pelo qual ele é tratado e essa alteração seria suficiente para dar fim ao problema. A reportagem, por outro lado, atenta para a importância de Tiradentes como herói da república, representação dos ideais federalistas, vistos como grandiosos. Toda a juventude republicana, segundo a reportagem, veria nele motivo para se entusiasmar e o Brasil estaria em dívida com tão maravilhoso herói.

Machado de Assis tinha estreitas relações com a *Gazeta de Notícias* desde 1881, tendo publicado nesse jornal a maior parte de suas crônicas, não somente nessa série, além de muitos contos e alguns outros artigos. O literato publicou no periódico por 14 anos seguidos e via nele, assim como seus fundadores, uma nova forma de fazer imprensa no Brasil, baseada em uma linguagem que fosse, assim como o preço, acessível a todos. Machado tinha afinidades com outros colaboradores do jornal, inclusive com Ferreira de Araújo, o dono da folha (RAMOS, 2010). Não é de se estranhar que Machado fosse adepto as ideias de informação democrática que inspiraram a criação do jornal, assim como não seria de se estranhar que Machado estivesse de acordo com muitas das opiniões expressas em outras colunas, inclusive no que diz respeito a Tiradentes. A motivação para fazer então uma crônica com um teor tão diferente do que estava expresso nas demais colunas não está em desmerecer Tiradentes, que é enaltecido também na crônica, mas em demonstrar como os cidadãos de quem o mártir tornou-se herói são fúteis e não conseguem admirar o inconfidente por sua grande contribuição com a República.

Portanto, é possível supor que a crítica de Machado seja favorável à opinião de valorização de Tiradentes expressa nas demais colunas. De forma irônica e divertida, o literato cria um narrador que acredita que os títulos (cirurgião, doutor, comendador, major) são fundamentais e que as boas relações podem ser baseadas exclusivamente neles, porém

⁶ Na crônica o narrador considera que um mártir deveria ter um título de maior reconhecimento como cirurgião dentista, ou simplesmente cirurgião, que seriam títulos melhores do que o de simples Tiradentes. Considera ainda, que muitas pessoas não podem suportar que se chame o mártir por esse título.

esse narrador beira o ridículo, quando assume não entender de política e não se interessar pelos problemas da pátria, como veremos mais a frente. Enquanto para ele os títulos são tão importantes, o mártir não os tem. Tiradentes, verdadeiro herói nacional, representante dos ideais republicanos, carece, para o narrador, desses títulos. Porém, nas demais colunas do jornal, ele é tratado como um grande símbolo, um herói inspirador, sem que os títulos lhe fizessem falta. Machado de Assis cria um narrador que sofre dos males da monarquia, entre eles, a consideração pelos títulos, mas a república não precisava deles e nem os valorizava mais. Esse narrador é atrasado e aí está o humor e a crítica da crônica. A república que Machado e alguns de seus contemporâneos desejavam era carregada de novos ideais que estão implícitos no humor dessa crônica, que, por ser a primeira da série diz muito sobre o modelo seguido pelo literato nos próximos textos. A série depõe sobre seu momento histórico e tenta intervir nele, ela carrega em todas as crônicas que virão o humor irônico e se mantém interessada pela formação da jovem república e dos assuntos que poderiam interessar para a sua consolidação.

Em 22 de maio foi publicada a quinta crônica da série. Tiradentes é novamente tema da coluna. O fato de o ícone da proclamação da República aparecer nas crônicas em tão curto espaço de tempo reforça a ideia de que a preocupação com os caminhos tomados pela jovem república é tema central na série. O narrador apresenta um trecho de outro jornal que propõe que não se deveria dar tanta importância a Tiradentes e que é possível até mesmo que a falha da Inconfidência Mineira tenha sido culpa dele.

[...] Este Tiradentes, se não toma cuidado em si, acaba inimigo público. Pessoa, cujo nome ignoro, escreveu esta semana algumas linhas com o fim de retificar a opinião que vingou, durante um longo século, acerca do grande mártir da Inconfidência. “Parece (diz o artigo no fim) parece injustiça dar-se tanta importância a Tiradentes, porque morreu logo, e não prestar a menor consideração aos que morreram de moléstias e misérias na costa d’África”. E logo em seguida chega a esta conclusão: “Não será possível imaginar que, se não fosse a indiscrição de Tiradentes, que causou o seu suplício, e o dos outros, que o empregaram, teria realidade o projeto? (GAZETA DE NOTÍCIAS, 22 mai 1892, p.1)

Com uma crítica carregada de ironia, o narrador da crônica estabelece uma possível história de como viveria então o Tiradentes delator que o outro jornal propõe e estabelece um possível diálogo que teria se dado entre Tiradentes e D. João, assim que o primeiro foi dado como morto. Quando o assunto é citado, fica evidente que os diálogos de

Machado de Assis na construção da série, em alguns momentos, iam além da *Gazeta de Notícias*.

A repetição tão rápida do mártir como assunto central nas crônicas da série é bastante significativa. Nos anos posteriores à proclamação da República, surgiu a necessidade de criar ícones que representassem o novo sistema com o objetivo de atingir a sociedade civil como um todo, uma vez que a proclamação tinha sido um ato estritamente militar. A partir dessas duas crônicas, seria possível concluir que Tiradentes tinha sido escolhido como maior herói da República. As palavras que a *Gazeta* dedicava ao mártir não deixavam grandes dúvidas: foi Tiradentes quem fez o sistema republicano acontecer. Porém, ao longo do ano de 1892 tanto a série quanto o próprio jornal deixam em dúvida se o fundador da República, escolhido por esse grupo de intelectuais, seria mesmo Tiradentes⁷. Deodoro é veementemente recusado. Ele é mostrado ao longo do periódico como um homem importante no processo de proclamação, mas que nada tinha a ver com o sistema republicano. José Murilo de Carvalho aponta alguns dos principais motivos que levaram Deodoro a ser recusado, como o fato de ter forte vínculo com os militares e por ser uma figura que dividia opiniões muito mais do que unia. Além disso, Deodoro havia sido um importante militar no império e não tinha fortes relações com ideais republicanos. Carvalho apresenta vários outros possíveis fundadores para a República, em especial, Benjamin Constant. Este possível “herói” aparece em algumas passagens da *Gazeta*, muitas vezes quando o assunto é o próprio Deodoro, mas não há um discurso forte no periódico nem de aceitação, nem de recusa a Benjamin Constant.

Apesar de Tiradentes ter aparecido em coluna já citada como aquele que nos deu a república, na data de seu centenário (GAZETA DE NOTÍCIAS, 21 abr 1892, p.1), quando Deodoro da Fonseca falece a questão da fundação da república aparece de forma diferente. No dia 24 de agosto a primeira página da *Gazeta* se apresenta com as quatro primeiras colunas dedicadas a falar sobre o falecimento de Deodoro da Fonseca. Apresentado como “brasileiro ilustre” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 24 abr 1892, p.1), o marechal tem seus feitos louvados ao longo de mais da metade da primeira página do jornal. O periódico lhe atribui bravura na Guerra do Paraguai, serenidade e pureza nos cargos políticos e intransigência na questão abolicionista. Não bastando tantas qualidades, o texto ainda narra o suposto comportamento de Deodoro na data da proclamação:

⁷ O historiador José Murilo de Carvalho analisa como a construção do herói que seria símbolo da República brasileira foi construído em uma disputa ideológica ao longo das primeiras décadas do sistema republicano. Ver: CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República do Brasil*. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

(...) A 15 de novembro de 1889, começando o dia como simples representante da guarnição da corte, encarnou, dentro de poucas horas, as aspirações de toda sua classe, e não eram passados muitos dias, quando concretizava a consciência de todo seu país. E na ditadura que assumiu pela proclamação da República, subiu por vezes a alturas desconhecidas – já conservando a unidade da pátria, já garantindo a ordem interna, já tornando respeitada nossa honra no exterior, já promulgando por um traço de pena reformas de muitos anos discutidas, mas que ninguém esperava realizadas em vida. (Idem)

Apesar do forte tom de admiração expresso ao longo de todas as colunas que falam sobre o marechal, ao final da primeira fica claro que a *Gazeta* não tem somente elogios para fazer a Deodoro:

[...] Não podemos nós, seus contemporâneos, que o aplaudimos muitas vezes, que o censuramos outras, formular juízo seguro sobre esta notável personalidade. Provavelmente seus piores inimigos o mais que dirão, é que não foi ele quem fez o 15 de novembro de 1889. (Ibidem)

Na segunda página, aparece um pequeno texto intitulado “Tiradentes”, que conta que foi encontrado um documento de extrema importância, ou seja, os autos do inventário da mãe de Tiradentes. Mesmo que em termos de espaço o trecho não mereça ser comparado com as várias colunas dedicadas ao marechal ao longo da semana, a *Gazeta* não deixa de se aproveitar da pequena notícia para chamar Tiradentes de “*protomártir*” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 24 ago 1892, p. 2). Desde os textos publicados na semana do centenário da morte do inconfidente, ele teve a seu favor a opinião da *Gazeta* que não mediu esforços para colocá-lo não só como mártir da inconfidência, mas da própria República. Aqui a expressão “*protomártir*”, escrita na página seguinte a todas as homenagens feitas a Deodoro, deixa claro que alguns até podem considerar o marechal como fundador da República – apesar de não haver consenso sobre isso –, mas antes dele já havia um mártir para a república e a sua reputação não pode ser manchada por nenhum inimigo. Isso ficou claro nas reportagens de 21 de abril, que defenderam Tiradentes das acusações que alguns faziam a ele, e também na crônica de 22 de maio, na qual o narrador o defende novamente. Por outro lado a morte de Deodoro não só incentivou publicações que falavam sobre seus erros como político e sua falta de vínculo com o sistema republicano, como também essas colunas foram publicadas novamente na *Gazeta* ainda na mesma semana.

No dia 25 de agosto, a *Gazeta* traz em sua primeira página trechos dos maiores jornais do país referentes à morte de Deodoro, como forma de evidenciar que o marechal merecia mesmo muitas homenagens, e as teve, mas que há diversas ressalvas a respeito disso.

Esses trechos ocupam quase toda a primeira página da folha, tendo assim grande destaque no jornal. O trecho do *Jornal do Commercio* dizia que: “Os grandes defeitos de sua gerência da causa pública provieram todos da completa falta de educação política e do seu excessivo orgulho e vaidade” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 25 ago 1892, p. 1). Já o *Jornal do Brasil* reconhecia Deodoro como “a ação que destruiu em 15 de novembro a monarquia e proclamou a república” (Idem), e justificava os possíveis erros de Deodoro, dizendo que só a história poderia de fato julgar-lhe. O *Diário de Notícias*, por sua vez, aparecia um tanto mais crítico ao marechal:

(...) Sem ideias republicanas, dedicado antes à família imperial, que ele estremecia como uma herança que havia recebido de seu pai, o bravo marechal foi arrastado para os arraiais da República pelo amor que votava a classe militar, que ele supunha ofendida e desprestigiada pelos governos da monarquia. (Ibidem)

O *Industrial* apresentava uma opinião próxima da presente no trecho acima. O *Diário do Comércio* também aparece, com um trecho mais ameno, no qual considera Deodoro como um cidadão ilustre e bom soldado. O *Industrial* também emprega essas duas considerações, porém deixa claro que o marechal não era politicamente apreciado pelo periódico. Em *O Fígaro* aparece, pela primeira vez, uma possível relação entre a fundação da República e Benjamin Constant. No trecho referente a esse periódico, Deodoro teria sido muito importante, pois ajudou Benjamin Constant a proclamar a República, apesar disso, o ódio que se tem pelas ações do marechal em 1891 seria totalmente justificável para *O Fígaro*. Apenas n’*O Tempo*, Deodoro aparece como responsável pela República sem grandes ressalvas. Dentre todos estes periódicos, o trecho que motivou comentários na crônica de “A semana” foi aquele do *Rio News*, que aparece por último, no número do dia 25 de agosto:

(...) foi envolvido, depois de cerca de quarenta anos de serviço sob a monarquia, em um movimento político, com o qual nunca esteve intimamente ligado, e pelo qual aparentemente sentia muito pouca simpatia. (...) mas na história do seu país ele há de figurar como *um dos fundadores da república*.(Ibidem)⁸

Na crônica do dia 28 de agosto, depois da morte de Deodoro ter sido um assunto tão comentado ao longo da semana, Machado não poderia deixar de participar daquela discussão. O comentário inicial do narrador é tão cuidadoso quanto foram os textos

⁸ Grifos nossos.

que a *Gazeta* publicou desde o dia 24. Para ele, um cronista não deveria falar de um assunto tão solene e tanto os erros quanto as boas ações de Deodoro mereceriam outro tom que não o da crônica. Apesar disso, o narrador traz o artigo 8º da Constituição de 1891 para demonstrar que Benjamin Constant lá é tido como o fundador da República, enquanto que nos discursos parlamentares tem-se falado que Deodoro foi o fundador. O narrador não deixa de atentar também para a divergência na imprensa, demonstrada no número do dia 25 de agosto da *Gazeta*, mas sua preocupação recai mais sobre o trecho do *Rio News* acima citado, já que para ele, enquanto periódico estrangeiro, este não conseguiu perceber que não era possível que Deodoro fosse um dos fundadores, pois a República só pode ter um fundador. Apesar de citar somente Deodoro e Benjamin, o narrador, que teve suas primeiras falas para dizer sobre o centenário da execução de Tiradentes, deixa claro que não há uma disputa somente entre esses dois para se concluir quem teria fundado a república:

(...) Assim, pode ser que, entre 1930 e 1940, tendo cotejado a Constituição de 91 com os discursos de 92, e os artigos de jornais, decida o ponto controverso, ou adote a ideia de dois fundadores, senão de *três*; mas onde estarei eu então? (GAZETA DE NOTÍCIAS, 28, ago 1892, p.1)

Ao final dessa crônica, o narrador evidencia que teve que deixar para trás outros assuntos importantes por não poder falar de tudo o que aconteceu durante a semana. É claro que, durante todas as semanas, Machado escolhia os temas que trataria na crônica, mas nesta fica evidente a necessidade de seleção, diante de outros temas talvez tão importantes quanto aquele para o narrador. Falar sobre o fundador da República era para o narrador daquela série, portanto, de extrema importância. Isso se comprova tanto por essa crônica, quanto pela repetição de crônicas com temáticas próximas e que tratam de figuras que se tornaram heróis para a República.

O grande número de colunas dedicadas nas primeiras páginas do jornal para falar sobre a morte de Deodoro evidenciam duas coisas além da importância do proclamador. Primeiramente, a *Gazeta de Notícias* via Deodoro como um homem de fato importante na história do país, porém ele não era um homem que representasse o Brasil e os motivos pelos quais o marechal deveria ser lembrado, mas não adorado precisavam ser muito bem detalhados. Em segundo lugar, não havia concordância quanto ao papel que Deodoro teria na memória sobre a proclamação, essa memória ainda estava sendo construída e tanto a *Gazeta* quanto Machado de Assis tentaram evidenciar qual seria esse lugar, levando em consideração

as divergências entre Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant e Tiradentes, que parece ter sido o favorito do jornal em questão.

Desse modo, na crônica do dia 2 de outubro, o tema se repete, mesmo que de passagem. Enquanto o narrador explicava qual deveria ser o comportamento adequado em uma ópera, também citava uma conversa entre dois personagens do espetáculo:

(...) “Pode comparar-se o caso dos dois secretários à conciliação que o poeta fez das duas rosas?” Explicação do primeiro: “Não; refiro-me à inauguração que a Câmara fez dos retratos de Deodoro e Benjamin Constant. Uniu os dois rivais póstumos em uma só comemoração, e a história ou a lenda que faça o resto.” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 2 out 1892, p. 1)

O narrador não espera para ouvir o restante da conversa, mas a opção do autor da crônica de citar um diálogo desse tipo reforça a ideia já expressa na crônica do dia 28 de agosto: a República deveria ter somente um fundador. A *Gazeta* e até mesmo “A Semana” não expressam uma defesa clara de quem deveria ser esse fundador, mas está evidente que não há possibilidade de que duas figuras representem os heróis do novo sistema. Nos trechos de outros jornais, citados no dia 25 do mesmo mês, Deodoro já aparecia muitas vezes como um inimigo de Benjamin Constant, porém, em outras, ele era visto como o soldado que, contra a própria vontade, possibilitou realizar as aspirações republicanas das quais Constant era adepto. Não importa muito que a Câmara tenha colocado lado a lado os retratos dos dois personagens, já que, de acordo com o narrador da série, a história ou a lenda fariam o “resto” e esse resto provavelmente seria definir qual dos dois supostos inimigos merecia ter seu retrato dependurado na Câmara como símbolo da República.

Se a questão da fundação da República aparecia como tão importante tanto na série, quanto no periódico, seria de se esperar que no dia 15 de novembro houvesse algo a respeito. Mas durante toda a semana referente ao aniversário da proclamação, a *Gazeta* não publicou nenhuma coluna sobre nenhum dos três personagens aspirantes a fundadores da República, exceto em uma curta passagem sobre a alteração do nome de uma escola militar em Fortaleza, que passara a se chamar Benjamin Constant no dia 15 de novembro (GAZETA DE NOTÍCIAS, 17 nov 1892, p.1). Essa seria uma excelente data para ressaltar os feitos de dois dos possíveis fundadores: Deodoro e Benjamin. Talvez seja exatamente por isso que a *Gazeta* não tenha publicado sobre nenhum deles, porque sua escolha provavelmente recaía sobre Tiradentes, o herói republicano que já era mártir quando a República foi proclamada. Tanto as colunas a respeito do inconfidente foram exaltantes e positivas quanto àquelas escritas a respeito do marechal foram questionadoras e críticas. Já Benjamin Constant parecia

uma figura que não tinha grande importância para a discussão. A *Gazeta* não se importou em debater sobre seu valor como herói nacional ou fundador da República. A ele cabia apenas o mérito de aparecer como o fundador na Constituição, embora isso não o fizesse um herói do país para o periódico.

Apesar disso, é impossível negar que o aniversário da República tenha rendido algumas colunas na *Gazeta*. Excetuando a coluna já citada do dia 17, na qual além de citar a mudança de nome da escola, segue-se um trecho que diz que o dia 15 passou com indiferença da população, as demais colunas sobre o tema nos dias 15, 16 e 19 de novembro apresentam apenas uma narrativa sobre as comemorações da data. Diferente de vários outros assuntos tratados no jornal, como a separação do Mato Grosso ou a inovação dos bondes elétricos, na semana do dia 15 não houve nenhuma coluna dedicada à exaltação. A própria crônica que faz referência a mais de uma coluna do jornal, só usou um parágrafo para falar do tema. Por certo, isso não significa que a *Gazeta* ou o próprio Machado tenham algo contra o sistema republicano, ao contrário disso, não falar no assunto evidencia que não estava entre os propósitos desses intelectuais a pura exaltação. Ao contrário disso, a proclamação já havia sido feita e tanto a *Gazeta* quanto “A Semana” demonstravam uma preocupação bem maior sobre os meios de consolidar essa República com sucesso.

- Povo republicano nas urnas

Tendo iniciado a primeira crônica, no dia 24 de abril, discorrendo sobre o centenário de Tiradentes, o narrador da série conclui apresentando um problema que estaria lhe despertando curiosidade: saber se quem nasceu primeiro foi o ovo ou a galinha e, desse problema, passa, em sua conclusão, para a questão do grande número de abstenção de votos nas eleições daquele ano sobre a qual propõe duas justificativas distintas: a descrença no poder do voto e a abstenção proposital. Tal assunto também reflete uma preocupação com o novo regime. Considerando a república como um regime mais democrático, os cidadãos têm meios de exercer essa democracia e o voto é um deles.

Essa primeira crônica dita não somente um modelo de como serão as crônicas seguintes, como também temas que serão centrais na série, a construção de um herói nacional e a participação popular na consolidação do sistema republicano. Durante a argumentação que tanto o periódico quanto a série fizeram sobre a temática das eleições fica claro que há uma tentativa, por parte dos intelectuais envolvidos, de provocar os eleitores para que compareçam às votações, pois essa seria uma forma de construir uma República democrática de fato. Nas

crônicas do primeiro ano, o narrador assume um discurso em que sempre fala sobre a ausência do povo nas votações. A *Gazeta*, por sua vez, traz os números que demonstram como a grande maioria dos eleitores não comparecia às urnas. Mas o fato é que esses eleitores significavam apenas uma mínima parcela da população. O narrador criado por Machado, um cidadão fútil e pouco entendido de política, fala sobre um povo que estava se abstendo de votar, mas na verdade o povo brasileiro não tinha direito a voto. Ao menos sobre essa temática, fica claro então que a crítica existente nesse narrador não é abrangente a toda a sociedade brasileira, mas aqueles que, embora alcançassem os pré-requisitos para participar das eleições, ainda assim não exerciam o direito ao voto. Com a Constituição de 1891, o número de cidadãos com direito ao voto subiu, porém o que anteriormente correspondia a cerca de 1% da população não chegou a alcançar 2% num primeiro momento e não passaria de 5% ao longo do período em que esta constituição esteve em vigor⁹. O voto continuava sendo privilégio de homens alfabetizados. O narrador da série se apresenta como alguém que poderia votar, como um membro dessa pequena parcela e, quando Machado se utiliza desse narrador para criticar a não participação nas eleições, a crítica se dirige também para essa pequena parcela. Esses eleitores deveriam ser também leitores da *Gazeta de Notícias*, mas nem todos aqueles que tinham acesso ao jornal poderiam participar ativamente das eleições.

Ainda no jornal do dia 21 de abril encontra-se uma coluna com o título “Eleição Senatorial”. Tal coluna explica que aquelas eleições eram para senador e aponta os seus resultados, juntamente com o número de eleitores e o daqueles que de fato votaram. As divergências entre eleitores possíveis e votantes reais são enormes, o que indica novamente o diálogo da crônica com as reportagens. Colunas com essa finalidade foram publicadas em todas as ocasiões em que as eleições foram tema da crônica. Mas é no dia seguinte que podemos ver exatamente com quem o narrador das crônicas estava conversando. No dia 22 de abril, a primeira coluna do jornal levava o título “A eleição” e tratava novamente das eleições para senador. Era mais uma coluna sem assinatura, em que seu autor dedicava-se a apontar o poder do voto e a falta que o mesmo fez nas ditas eleições. Para ele, o povo poderia ter deixado de ir às urnas, porque desacreditaria no poder do voto naquele momento, já que o governo não dava aos cidadãos as rédeas da sociedade, seria uma possível resposta e os governantes precisariam mudar de posicionamento para que os eleitores fossem votar. Mesmo opinando por esse viés, o autor da coluna não deixa de citar que a abstenção era um problema

⁹ Os dados da porcentagem de pessoas com direito a cidadania política a partir da Constituição de 1891 estão disponíveis em: MATTOS, Hebe, A vida política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A abertura para o mundo: 1889 – 1930*. Coleção História do Brasil Nação: 1808 – 2010. Volume 3. Objetiva, 2011.

e que deveria ser resolvida para que o país caminhasse melhor, tratando-se de descrença no poder do voto ou de abstenção proposital. Tal posição e o fato de o narrador de “A Semana” citar esse assunto na crônica evidenciam novamente uma preocupação em apontar os moldes da nova república. Enquanto para o narrador da crônica o motivo da abstenção é matéria-prima para brincadeiras, no restante do jornal era um problema muito sério. Machado de Assis criou, então, para a série “A Semana”, um narrador que demonstrava não se interessar pela ausência de eleitores nas urnas, não considerando a importância que o voto tinha naquele momento, diferenciando-se assim dos outros colunistas da *Gazeta de Notícias*, que percebiam o voto como um mecanismo para que a sociedade republicana pudesse ser controlada pelo “povo” brasileiro, povo este que era representado por uma mínima parcela com direito a voto.

A situação aparece de forma semelhante no dia 7 de agosto, dessa vez, com relação às eleições do domingo anterior. O que interessava ao narrador da série era novamente a abstenção de votos que, como no caso da primeira crônica, foi descrita no jornal em números exatos. Após contar o caso de uma escola, local de votação, que estava fechada no dia e que deixou a urna em uma padaria próxima para que os eleitores votassem lá, sem auxílio dos mesários que também não compareceram, o narrador acrescenta:

Melhor que isso sucedeu na eleição anterior, em que a urna da mesma escola nem chegou a ser transferida à padaria, foi simplesmente posta na rua, com o papel, tinta e penas. Como pequeno sintoma de anarquia, é valioso. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 7 ago 1892, p. 1)

Além de criticar o posicionamento dos responsáveis pela não abertura da escola pública para a votação, o narrador ainda argumenta contra o que tem sido dito nos jornais sobre o tema. Porém sua argumentação consiste numa sátira referente à falta de compromisso dos eleitores, tal como no trecho acima, quando chama o ato de anarquia. Havia uma discussão sobre o motivo dos eleitores não terem comparecido à votação. As principais respostas, como aponta o narrador, são a abstenção, que seria não votar propositalmente como alguma forma de protesto, a descrença e a indiferença pública. Mas, para o narrador da crônica, nenhum desses problemas é de fato a causa do número baixo de votos. Para coroar a ironia da crônica o narrador aponta qual deveria ser o real motivo da falta de votantes: o problema de ter que percorrer a distância entre a própria casa e o local da votação em um domingo, dia de descanso. Para ele, seria contra o comportamento do brasileiro comparecer às eleições por uma questão de pura inércia.

Estudai o eleitor; em vez de andares a trocar as pernas entre três e seis horas da tarde, estudai o eleitor. Achá-lo-eis bom, honesto, desejoso da felicidade nacional. Ele enche os teatros, vai às paradas, às procissões, aos bailes, aonde quer que há pitoresco e verdadeiro gozo pessoal. Façam-me o favor de dizer que pitoresco e que espécie de gozo pessoal há em uma eleição? (Idem)

Em outras palavras, o narrador apresenta o eleitor como “*desejoso da felicidade nacional*”, porém incapaz de se dar ao trabalho de sair de casa para votar. É nas mãos dessa pequena parcela da população que estaria o futuro da nação e este futuro dependeria do voto. Porém, mesmo tendo esse privilégio esse seletivo grupo deixava de escolher seus representantes pelo único motivo de não achar divertimento no processo eleitoral.

Os números referentes às eleições dos mais variados cargos políticos estão sempre presentes na *Gazeta de Notícias*, Machado de Assis coloca as eleições como tema central de pelo menos quatro das crônicas do primeiro ano da série, além de falar sobre elas de forma um pouco mais rápida em outras tantas crônicas da série. Podemos concluir que o assunto era considerado bastante importante tanto para ele quanto para os outros intelectuais do periódico. O fato de o narrador justificar as faltas dos eleitores é apenas um vestígio da personalidade do mesmo, um cidadão desinteressado pelos problemas nacionais. Essa personalidade deveria servir justamente como forma de provocar os leitores da série. Mesmo que o narrador continuasse a desenvolver seu argumento de que as urnas deveriam ir atrás dos eleitores, é impossível não notar o tom provocativo que é dedicado aos leitores da *Gazeta*, que por sinal, são também eleitores: “Que tem o eleitor com isso? Pois não há governo? O cidadão, além dos impostos, há de ser perseguido com eleições?” (Ibidem). É inclusive, bastante coerente, que uma série de crônicas publicada poucos anos após a proclamação da República e que está em diálogo permanente com os assuntos referentes à consolidação da mesma, dê uma importância tão grande às eleições. A provocação parece bastante direta. O narrador pergunta o que o eleitor tem com as eleições já que havia um governo. Basicamente um comportamento adequado para um cidadão de uma república não poderia ser o de deixar todas as decisões nas mãos do governo. Machado provavelmente está tecendo uma forte crítica a esse tipo de cidadão republicano, que ainda guardava os piores vícios de quando vivia sob o regime de D. Pedro II. Hebe Mattos aponta que durante o período imperial “o partido que convocava as eleições fazia, necessariamente, a maioria na Câmara, o que transformava o monarca, na prática, no verdadeiro e grande eleitor” (MATTOS apud SCWARCZ, 2011) e nem mesmo essa pequena parcela da população tinha necessidade de se fazer presente nas

eleições. No sistema republicano, os intelectuais da *Gazeta* atentavam para essa nova necessidade que surge.

Na crônica do dia 25 de setembro, as eleições voltam como tema central. Dessa vez seriam eleitos os intendentess e, com bem menos paciência, mas aplicando a mesma teoria da crônica do dia 7 de agosto, Machado de Assis coloca na voz do seu narrador o seguinte trecho:

(...) Eleitor não é gato de sete fôlegos. Deixa-se ficar almoçando; os intendentess vão ser eleitos a cinquenta votos. Poucas semanas depois, trinta mil eleitores sairão de casa murmurando que a intendência não presta para nada. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 25 set 1892, p. 1)

Além de deixar claro que o eleitor não comparecia às eleições por motivos insignificantes como almoçar ou descansar no domingo, o narrador ainda aponta que esses mesmos eleitores que não votam por algum tipo de preguiça são também aqueles que reclamam dos representantes escolhidos. O tema continua aparecendo com pequenas mudanças nas argumentações. No dia 30 de outubro, entretanto, após narrar eleições que aconteceram muito tempo antes, como uma espécie de lembrança do narrador que conheceu tempos em que votações causavam paixões no povo, a crônica faz o inverso do que tinha feito antes. Nas demais crônicas sobre esse tema, o narrador comentava as eleições que haviam acontecido no domingo anterior, nessa crônica ele convida os leitores a irem às urnas nas eleições que estavam acontecendo naquele dia. É completamente aceitável que, o autor se dedicando tanto a construir uma forte crítica a respeito do eleitorado, logo ele tentasse persuadir a participação ativa nas eleições de outras formas que não a sátira, já que visivelmente esta não estava resolvendo o problema. O convite às urnas considera de antemão a pouca participação do eleitorado, mas clama por mais calor nas votações, já que estas são as primeiras eleições para o conselho municipal do Distrito Federal. Mas, apesar do argumento parecer um pouco mais sério, Machado não deixa de produzir uma crítica por meio da figura do narrador, que mesmo consciente da importância da votação e discursando a favor da participação calorosa dos eleitores, não faz seu papel mais simples de cidadão letrado, votar. Ele que tanto criticou os eleitores faltantes e que tanto clama por outro comportamento durante as eleições encerra o assunto da seguinte forma:

(...) Por hoje, leitor amigo, vai tranquilamente dar o teu voto. Vai anda, vai escolher os intendentess que devem representar-nos e defender os interesses comuns da nossa cidade. Eu, se não estiver meio adoentado, como estou, não

deixarei de levar a minha cédula. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 30 out 1892, p. 1)

O narrador acaba arranjando um motivo para também justificar a sua ausência nas urnas. Mesmo quando Machado se utilizava da voz desse narrador para convidar seus leitores à votação, ele não deixa de reforçar a ideia do quão ridículo e contraditório era esse narrador, talvez como uma forma de demonstrar o quanto o autor achava ridículos a República e seus cidadãos. Um cidadão que na República não participa da votação é tão contraditório quanto um que chama os compatriotas para votarem, mas ele mesmo não vota. Como a crônica do dia 25 apareceu antes da eleição comentada, Machado não poderia deixar de trazer o assunto novamente na crônica seguinte. Dessa vez, ele anuncia primeiro que foi votar no domingo passado e que ficou admirando a igreja matriz da Glória, enquanto aguardava a chamada dos eleitores na Praça Duque de Caxias. Enquanto pensava sobre a construção da Igreja, o narrador conta que se distraiu e, quando deu por si, foi até a igreja e teve o seguinte diálogo com o sacristão:

(...) — Para quê? diz-me o sacristão.
 — Para votar.
 — Mas eleição foi domingo passado.
 — Que dia é hoje?
 — Hoje é sábado.
 — Deus de misericórdia! (Idem)

Não sendo suficiente a justificativa que o narrador já tinha dado no domingo anterior sobre sua ainda não definida não participação nas votações para o conselho do Distrito Federal, ele traz ainda, na crônica seguinte, uma segunda justificativa totalmente absurda, teria ficado durante sete dias observando a igreja distraidamente até que se deu conta de que as eleições já tinham passado. O argumento é utilizado para apresentar diversos outros assuntos, mas é também bastante risível e inverossímil. No gênero cronístico, que nada tem de fantástico, o argumento é um recurso de humor como também um recurso de caracterização do narrador que se mostra um personagem tão fútil e desinteressado pelo assunto, que por mais que tenha se dedicado a defender a votação, teve a indiscrição de utilizar uma desculpa tão impossível quanto essa para justificar a sua não participação.

- O homem da República fracassa: a construção de um narrador

A simbólica primeira crônica da série tem muito a dizer sobre o que a série iria trazer nas próximas publicações. O dia escolhido para a primeira crônica, posterior ao centenário de morte de Tiradentes, e as principais temáticas, o mártir e as eleições, diziam

muito sobre as temáticas que tomariam conta da série. As relações de discordância entre aquilo que o narrador considera importante e o que o jornal traz em suas demais colunas também evidenciam muito sobre a constituição desse narrador, um homem no mínimo divergente dos demais intelectuais da *Gazeta* e muito próximo daquilo que estes intelectuais estariam criticando. As relações que são estabelecidas entre a primeira crônica no dia 24 de abril e o jornal evidenciam um narrador totalmente alheio à importância que a política – e, conseqüentemente, as próprias eleições – tem para o país, que considera mais importante o título de um mártir do que o significado que ele teria para a nação e que se importa mais com uma questão proposta para uma brincadeira – se quem nasceu primeiro foi o ovo ou a galinha – do que com as eleições. O próprio narrador afirma não entender de política e tal máxima vai ser reafirmada nas crônicas seguintes em diversos outros temas que tem igual importância para a consolidação do sistema republicano, como o federalismo, o parlamentarismo, a constituição, a crise financeira, entre outros. A personalidade do narrador vai ficando mais clara na medida em que ele afirma que, além de não entender de política, ele também não entende realmente de nenhum desses outros assuntos e nem mesmo se importa com eles, que são problemas nacionais e, portanto devem ser resolvidos pelo governo e não por um cronista, ou um narrador, como algumas vezes ele se intitula. Esse narrador, homem letrado que escreve para um dos principais jornais do Rio de Janeiro, é mais um dos muitos que estão faltando às votações para representantes nacionais. Ele é mais um daqueles que não compreende de fato a grande importância do mártir. Ele é tanto parte da elite intelectual brasileira quanto parte da parcela da população que Machado está criticando através desse mesmo narrador.

Em 1892, Machado de Assis já era um autor renomado e bastante reconhecido. No ano seguinte, apareciam comentários em outros periódicos sobre “A Semana” e esses comentários deixavam claro que a autoria das crônicas também já era conhecida (GLEDSON, 2006). Apesar disso, as crônicas da série foram publicadas sem assinatura. No período em que o autor publicou “Balas de Estalo”, também na *Gazeta*, ele utilizou-se de pseudônimos, já que algumas de suas crônicas tinham lhe causado problemas com seus superiores em seus cargos públicos. Mas mesmo que Machado assinasse a crônica com outro nome, nesse período a sua identidade e sua relação com essa série já era de conhecimento geral. O que acontece é que quando havia uma assinatura diferente da sua, havia também um novo personagem, alguém que não era o autor e que poderia falar aquilo que teria causado problemas se fosse dito pelo autor (RAMOS, 2010).

Mas a série “A Semana” difere, pois nela não há nenhuma assinatura, talvez justamente pelo seu lugar de publicação. A primeira coluna da *Gazeta* não era assinada nem antes e nem depois do tempo de publicação da série. Apesar disso, as opiniões expressas claramente não são as dele, elas estão muitas vezes em total desacordo com o restante do jornal, são fúteis e nisso consiste muito do humor da série, possivelmente caracterizando um narrador como acontecia em outras das séries de crônicas desse autor. Machado cria um narrador sem nome e essa escolha pode ter dois motivos: o lugar de destaque onde sua série está sendo publicada, a primeira coluna da primeira página, onde tradicionalmente não havia assinaturas em nenhum dia da semana e o fato de seu novo personagem não ser somente um narrador para a sua nova e mais longa série de crônicas, mas também uma forte representação de todos os problemas que o autor critica na sociedade republicana. A unidade da série, a repetição dos mesmos argumentos superficiais sobre um mesmo tipo de temática e o esforço em reafirmar a cada crônica a falta de aptidão para cidadão da república no narrador evidenciam não só que ele é um novo personagem, como também um possível motivo da não assinatura, ele é um personagem maior do que poderia ser seu nome, ele representa os erros dos cidadãos brasileiros.

CONCLUSÃO

As crônicas do primeiro ano da série são necessárias para compreender a construção desse narrador ficcional que é, nesse primeiro momento, um personagem carregado de todos os defeitos que Machado de Assis critica na população brasileira, ao mesmo tempo em que a caracterização desse narrador é a fonte primeira do humor da série. Mesmo parecendo que o narrador está discordando dos argumentos apresentados pelos demais intelectuais da *Gazeta de Notícias* e que ele se desinteressa pelos principais assuntos nacionais, Machado de Assis não deixava de fazer com que essa voz narrativa comentasse esses assuntos e a posição que esse narrador toma é a sua forma de intervir, questionando os valores vigentes na sociedade brasileira oitocentista. Machado cria um narrador que é, declaradamente, a favor da república, mas que não sabe e nem quer se comportar como cidadão republicano. Ele é acomodado e não se interessa por participar dos assuntos da nação e é o contrário do cidadão que Machado deseja para essa nova sociedade republicana. Esse narrador surge como um cidadão que faz parte de uma elite letrada e que tem nas mãos a cidadania política a qual a maioria absoluta da população não tinha acesso. Talvez por isso

seu desleixo a respeito das questões que tangem a construção do sistema republicano seja uma crítica satírica tão pesada.

Além disso, Machado demonstra na série como não só esses cidadãos não estavam preparados para o sistema republicano, como a própria República ainda não conseguia caminhar sozinha e é por isso que esse primeiro ano da série é tão importante. Poucos anos haviam se passado da proclamação, a memória sobre o tema ainda era um território em disputa e o literato se coloca como uma das vozes que exigem serem ouvidas a respeito não só do futuro da República como também do modo como devemos nos lembrar de seu passado.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Marialva. “A Literária Gazeta de Notícias”. In: BARBOSA, Marialva. *Os Donos do Rio: Imprensa, Poder e Público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHALHOUB, Sidney. “A Crônica machadiana: problemas de interpretação, temas de pesquisa”. *Remate de Males*, Campinas, v. 2, n. 29, p. 231-246, 2009.

CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Apresentação”. In: *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

MATTOS, Hebe, A vida política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A abertura para o mundo: 1889 – 1930*. Coleção História do Brasil Nação: 1808 – 2010. Volume 3. Objetiva, 2011.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do império. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo. *O Brasil Imperial, vol III: 1970 – 1889*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2009.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As máscaras de Lélío: ficção e realidade nas “Balas de estalo” de Machado de Assis*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Estadual de Campinas, 2010.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de Contos: ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2010.